

A Liberdade de Expressão e as Artes

PEDRO PROENÇA

Pintor

1. A liberdade de expressão é simultaneamente uma possibilidade de expressão (a potência de tradições acumuladas e das possibilidades em aberto pelas séries de formas em expansão) e das políticas da imagem, que são definidas em função de jogos de linguagem-poder como a moda ou a censura.

2. Há, na história das imagens, várias tradições polémicas que têm contornos de tipo teológico, mas que vêm de trás – um tipo de tradição que defende as imagens e as suas eficácias, e outro tipo de tradição que combate as imagens precisamente por causa das suas eficácias. O aspecto crucial desta questão é o facto das imagens, ao serem eficazes de uma maneira ou de outra, estarem ligadas à magia, isto é, a uma ordem mais ao menos natural (ou se quiserem «sobrenatural») cujos nexos são as imagens, os fármacos, as fórmulas encantatórias, a sexualidade, etc.

3. A tradição que combate as imagens ritualiza, por paradoxo, a desritualização do sacrifício. Sacrifica o sacrifício através de práticas higienistas. O higienismo opõe-se aos aspectos contaminantes ou epidémicos da magia. Esta tradição é tendencialmente iconoclasta e puritana. É uma tradição severa e inibidora.

4. Há tradições mistas, como é o caso das sempre ambíguas políticas da igreja católica, cuja história é complexa, mas que encontrou uma posição hábil na política das imagens defendida no Concílio de Trento, que é ao mesmo tempo anti-iconoclasta e prudentemente severa, o que resulta numa interiorização sublimante das

PEDRO PROENÇA

imagens (como é o caso dos exercidos espirituais de Loyola). É como reverso e espelho dessa tradição que acontecerá a psicanálise como «desinibição dessublimante» através das imagens.

5. No Oriente, quer o Hinduísmo, quer o Budismo, têm variantes dentro dos seus próprios sistemas iconoclastas e anti-iconoclastas, no entanto os cânones que vinculam as imagens à prática religiosa tem contornos menos polémicos. O mesmo se passa com alguns iconoclastas africanos. (Ver Jack Goody – em *O medo das representações*.)

6. O terrorismo, sendo iconoclasta por natureza, pretende no entanto espalhar uma imagem de terror, de inquietação, e, sobretudo, de chantagem. O cinema, mais do que outro tipo de arte, definiu desde há muito tempo o que se passa com o terrorismo actual e o que se passará com o futuro – o filme emblemático é o Dr. Mabuse de Fritz Lang, secundado pelas versões brandas e post-guerra fria que são os James Bond. No entanto a variante religiosa e milenarista é mais pertinente à luz da pulsão escatológica que está presente nas mais diversas culturas deste planeta. O terrorismo foi desde sempre uma forma não-regulada de guerra: os vikings e os colonizadores ibéricos foram impiedosos e surpreendentes, como extra-terrestres surgidos de uma extra-territorialidade. A eficácia do terrorismo repousa nesta extra-territorialização. Hoje em dia o que extra-territorializa são as tecnologias de destruição, mais do que as estratégias de dissimulação dos terroristas herdadas da espionagem e da guerrilha.

7. As tradições iconófilas admitem frequentemente a paródia do sagrado como um dos momentos de excelência do sagrado que mais contribuem para a sua regeneração e reforço. A teatralização, o exagero, e os aspectos críticos são ritualizados para reforçar mais tarde uma determinada ordem do mundo. No fundo são rituais destinados a apaziguar e a domesticar as forças de resistência aos poderes dominantes. É o que se passa com a eterna história das artes contestatárias que são quase sempre pavoneadas e apropriadas como feras mansas pelos seus alvos de contestação – são as grandes empresas e os museus que têm uma paixão cínica em coleccionar as gesticulações infantis dos artistas mais contestatários.

8. A história da arte europeia é ilustrativa do que foi a caricatura – as imagens ambíguas e carnavalescas florescem nas margens dos livros e igrejas da idade média e no revivalismo do grotesco greco-romano num tipo de decoração que antecede o concílio de Trento. A caricatura no ocidente surge explicitamente ligada a uma família, a dos Carracci (sobretudo ao mais genial dos membros da família, Aniballe Carracci, embora haja antecedentes em Leonardo), e encontra um eco produtivo num tipo de instituição associativa e emergente que são as diversas academias de belas-artes, associações livres de artistas que se encontravam para tagarelar e beber uns copos. A caricatura é menos uma vontade de profanação do que a exploração lúdica de uma vontade crítica. O que move o caricaturista, por mais militante que seja, não é passar uma mensagem decisiva, mas apenas o de aproveitar os dispositivos retóricos da distorção e do exagero como uma *private-joke* (ou *jeu d'esprit*) que se exterioriza provocando um certo prazer na audiência. A tradição da caricatura é a do sentido de humor – Cervantes, Shakespeare, Molière, Swift e Lewis Carroll são bons exemplos literários de uma tradição que se arraigará no ocidente e que tem os seus antecedentes nos poemas de maledicência que sobreviveram na antologia palatina e nas paródias que deram origem ao género romanesco, do *Satiricon* de Petrónio ao *Burro de Ouro* de Apuleio, passando pelos diálogos e novelas de Luciano. Lembremo-nos que Apuleio foi alvo de um processo em que foi, justificadamente ou injustificadamente, acusado de magia. Do mesmo modo recai sobre o mundo do caricaturismo uma suspeita de magia. Por isso Rushdie e os caricaturistas são alvos de anátemas por parte dos iconoclastas islâmicos.

9. Há, no entanto, no mundo islâmico, apesar da natureza preponderantemente iconoclasta do Corão (que a herda da Bíblia) e das suas artes, práticas figurativas, justificadas sobretudo por actividades de Jesus descritas no Corão, fabricando formas de pássaros a partir de argila e insuflando-lhes vida... um procedimento em que este imita ou «parodia» o Demiurgo do segundo relato da criação do génesis. O que é surpreendente, uma vez que este fragmento corânico mais parece uma apologia da magia! A tradição fabulosa das miniaturas persas é um bom exemplo de como escapar ao terrorismo teológico através destes subterfúgios! Parece-me também saudável,

PEDRO PROENÇA

por mais paradoxal que pareça, que o actual Irão tenha promovido uma espécie de jogos florais do caricaturismo anti-hebraico, uma vez que neste acto algo infantil está implícita uma política de imagem não-iconoclasta, herdeira das investigações de Leonardo e de Annibale Carracci, isto é, e de alguns dos momentos civilizacionalmente sofisticados da história da pintura que se propõe como investigação aberta, exuberância das formas, quer internas, quer externas, e exaltação do «ilusionismo», como forma prática de assumir as «verdades» subjacentes.